



Simpósio sobre Adaptação e Resiliência Climática

Da Investigação à Acção Climática, Comunicando e Construindo Resiliência Comunitária

Data

22 e 23 de Outubro de 2026

Local

Complexo Pedagógico da Universidade Eduardo Mondlane

Realização

Cátedra Oliver Tambo em Adaptação baseada em Ecossistemas

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Escola Superior de Comunicação e Arte da UEM (ECA)

1. Contextualização

As mudanças climáticas representam um dos maiores desafios ao desenvolvimento sustentável no mundo. A ocorrência recorrente de eventos extremos, como secas prolongadas, ciclones tropicais, cheias e queimadas descontroladas, resulta em perdas de vidas e de propriedade, bem como perdas económicas incalculáveis. Em Moçambique, a recorrência de secas prolongadas, associada ao aumento da frequência e da intensidade de ciclones tropicais, tem provocado impactos significativos nos ecossistemas, nos sistemas produtivos, nas infraestruturas públicas e privadas e nos meios de vida das comunidades locais. Estes eventos extremos intensificam a insegurança alimentar e hídrica, aceleram a degradação dos solos, amplificam a eclosão de epidemias, a degradação de infraestruturas, e ampliam a vulnerabilidade socioeconómica, sobretudo em contextos marcados por elevada dependência dos recursos naturais e limitada capacidade institucional de resposta.

Estima-se que entre 6 e 10 milhões de pessoas em Moçambique vivam em zonas áridas e semiáridas, e cerca de 60% da população vive na zona costeira, em contextos marcados por pobreza estrutural, degradação ambiental e capacidade adaptativa reduzida. Nestes territórios, as mudanças climáticas não apenas intensificam vulnerabilidades pré-existentes, como também colocam em risco os esforços de desenvolvimento sustentável, exigindo abordagens integradas e ajustadas às realidades socioecológicas locais. Reconhecendo esses desafios, a agenda internacional de acção climática tem reforçado a centralidade da adaptação como um dos pilares fundamentais da resposta global às mudanças climáticas. Nesse âmbito, o Acordo de Paris estabeleceu o Objectivo Global de Adaptação (*Global Goal on Adaptation - GGA*), que visa aumentar a capacidade adaptativa, fortalecer a resiliência e reduzir

a vulnerabilidade das sociedades e dos ecossistemas. O objectivo enfatiza a necessidade de promover abordagens integradas que articulem conhecimento científico, políticas públicas e saberes locais, de modo a apoiar processos de desenvolvimento mais resilientes e inclusivos.

O Corredor do Limpopo, uma região semiárida e transfronteiriça, é um exemplo de vulnerabilidade climática e socioecológica. A região enfrenta fenómenos recorrentes de seca, cheias, degradação dos solos, perda de biodiversidade e insegurança alimentar, factores que exercem forte pressão sobre os meios de subsistência das populações locais e, ao mesmo tempo, comprometem as infraestruturas e os sistemas produtivos. Eventos extremos registados nos últimos anos ilustram bem esta realidade. As cheias históricas de 2000, as secas de 2016-18, bem como as recentes cheias de 2026 evidenciam que os choques climáticos têm provocado retrocessos significativos no desenvolvimento da região. Estes acontecimentos oferecem lições importantes e reforçam a necessidade de mudar o paradigma para reconstruir melhor, promovendo maior resiliência climática e socioeconómica. Neste contexto, torna-se essencial adoptar novas abordagens de desenvolvimento e gestão do território, baseadas no fortalecimento de capacidades institucionais e comunitárias, na cooperação regional e na partilha de informação, recursos e responsabilidades. Tal implica ultrapassar modelos tradicionais de implementação fragmentada de programas e avançar para perspectivas integradas e sistémicas, capazes de articular diferentes sectores e níveis de governação, assegurando que os processos de adaptação e desenvolvimento inclusivo não deixem ninguém para trás.

A eficácia das estratégias de adaptação e construção da resiliência climática depende não apenas da produção de conhecimento científico, mas também da capacidade de transformar esse conhecimento em informação acessível, relevante e útil para a tomada de decisão. Por exemplo, no Corredor do Limpopo, onde secas, cheias e outros eventos extremos afetam regularmente os meios de subsistência e os ecossistemas, a comunicação climática assume um papel central na redução da vulnerabilidade e no fortalecimento da capacidade adaptativa das comunidades.

Num contexto marcado pela rápida expansão das tecnologias digitais, pela crescente circulação de informação e pela necessidade de respostas coordenadas aos riscos climáticos, a comunicação constitui um instrumento estratégico para a sensibilização pública, a educação ambiental, a gestão do risco de desastres, a participação cidadã e a formulação de políticas públicas baseadas em evidências. Simultaneamente, os avanços na inteligência artificial, nos sistemas digitais de monitorização climática, nos sensores remotos e nas plataformas de informação ampliam significativamente as possibilidades de produção, análise e disseminação do conhecimento científico, embora coloquem desafios relacionados com a desinformação, a ética, a literacia mediática e a inclusão digital.

Neste contexto, as universidades assumem uma responsabilidade crescente não apenas na geração de conhecimento científico, mas também na sua tradução e comunicação a diferentes públicos, contribuindo para aproximar a ciência da sociedade e reforçar a ação climática baseada em evidências. O Simpósio pretende, assim, constituir um espaço de diálogo interdisciplinar entre ciência climática, comunicação, tecnologia e políticas públicas, destacando o papel da Universidade Eduardo Mondlane na produção, comunicação e difusão de conhecimento para o desenvolvimento sustentável e para a construção da resiliência climática.

2. Justificação

Apesar do reconhecimento crescente da adaptação às mudanças climáticas como estratégia essencial para promover o desenvolvimento sustentável e contribuir para o alcance do GGA, persistem lacunas

significativas na articulação entre as evidências científicas, o conhecimento local e os processos de tomada de decisão nos níveis nacional, distrital e local. Estas lacunas são agravadas por limitações nos mecanismos de comunicação, disseminação e tradução do conhecimento científico para diferentes públicos, o que dificulta o acesso à informação climática por parte dos decisores, dos profissionais de comunicação, das comunidades locais e de outros actores relevantes. Como resultado, muitas evidências científicas e experiências locais permanecem subutilizadas nos processos de planeamento, gestão do risco e formulação de políticas públicas, comprometendo a eficácia das estratégias de adaptação e construção da resiliência climática.

Em resposta a esses desafios, Moçambique preparou o seu Plano Nacional de Adaptação (NAP) e Planos Locais de Adaptação (PLA) para vários distritos. Ainda assim, a materialização destes instrumentos continua a enfrentar constrangimentos associados a capacidades técnicas limitadas, à insuficiência de recursos financeiros e a desafios tecnológicos. O plano de prontidão para o NAP (NAP-Readiness) reconhece essas limitações e propõe um conjunto de acções estratégicas orientadas para o fortalecimento das capacidades institucionais e locais. Entre essas acções destacam-se o reforço da base de evidências sobre boas práticas de adaptação, o desenvolvimento de competências técnicas para o planeamento climático e a promoção de processos participativos que envolvam diferentes actores na construção de sociedades e territórios mais resilientes.

Embora a investigação sobre adaptação às mudanças climáticas tenha ocorrido de forma esporádica e desconectada em todo o país, a Estratégia Nacional de Adaptação e Mitigação às Mudanças Climáticas (ENAMC) destaca a necessidade de estabelecer centros de conhecimento e redes nacionais de investigação sobre as mudanças climáticas, capazes de apoiar, técnica e cientificamente, a acção climática e os processos de tomada de decisão. Neste contexto, a Universidade Eduardo Mondlane, através da Cátedra Oliver Tambo, tem liderado iniciativas de investigação sobre adaptação, com enfoque nas zonas áridas e semiáridas do Corredor de Limpopo. Durante o seu primeiro triénio de implementação, a Cátedra gerou evidências científicas relevantes sobre o potencial das Soluções Baseadas na Natureza (*Nature-based Solutions – NbS*) para a conservação dos ecossistemas, o fortalecimento dos meios de subsistência locais e o aumento da resiliência climática.

Contudo, apesar destes avanços, grande parte desse conhecimento permanece dispersa e ainda insuficientemente incorporada nos processos de formulação de políticas públicas e nos instrumentos de planeamento territorial, o que limita o seu potencial para contribuir de forma mais estruturada para estratégias de adaptação e desenvolvimento resiliente. Acresce que persistem desafios relacionados com a comunicação e a disseminação do conhecimento científico, o que dificulta a sua apropriação por decisores, profissionais de comunicação, comunidades locais e outros actores estratégicos. Num contexto marcado pela crescente digitalização da sociedade e pela rápida evolução das tecnologias de informação, torna-se igualmente importante explorar como as plataformas digitais, os sistemas de monitorização climática, a inteligência artificial e outras tecnologias emergentes podem contribuir para ampliar o acesso à informação climática, fortalecer os sistemas de alerta precoce, apoiar a gestão do risco de desastres e promover uma acção climática mais inclusiva e baseada em evidências.

Neste âmbito, propõe-se a realização do Simpósio sobre Adaptação e Resiliência Climática, como um espaço temático estratégico dedicado à reflexão científica, técnica e institucional sobre a adaptação às mudanças climáticas e o fortalecimento da resiliência climática em Moçambique. O simpósio justifica-se como um espaço de “colheita, comunicação e valorização do conhecimento” sobre adaptação às mudanças

climáticas e sobre as contribuições das instituições parceiras, visando fortalecer uma plataforma científica e institucional que permita:

- Promover o diálogo estruturado entre a academia, os decisores políticos, os profissionais da comunicação, o sector privado, as organizações da sociedade civil e as comunidades locais, fortalecendo a articulação entre ciência, políticas públicas e acção climática;
- Promover a produção, sistematização, comunicação e partilha de conhecimento científico sobre adaptação às mudanças climáticas, valorizando evidências científicas, experiências locais e boas práticas de resiliência climática;
- Reforçar a cooperação académica e a produção científica entre universidades nacionais e regionais, estimulando redes de investigação, inovação e intercâmbio de conhecimentos;
- Contribuir para processos de tomada de decisão mais fundamentados em evidências científicas, em informação climática e em conhecimentos locais, particularmente em contextos de elevada vulnerabilidade climática.

Neste contexto, o Simpósio constituirá um espaço de partilha científica, reflexão crítica e articulação entre a academia, decisores políticos, organizações da sociedade civil, o sector privado e as comunidades locais, contribuindo para a consolidação de uma plataforma nacional de produção e difusão de conhecimento sobre adaptação às mudanças climáticas, resiliência e soluções endógenas africanas.

3. Objectivos

3.1 *Objectivo Geral*

- O Simpósio sobre Adaptação e Resiliência Climática tem como objectivo geral promover a produção, sistematização, comunicação e partilha de conhecimento científico sobre adaptação às mudanças climáticas, fortalecendo o diálogo entre a academia, os decisores políticos, os profissionais da comunicação, o sector privado, as organizações da sociedade civil e as comunidades locais, visando reforçar a resiliência climática e apoiar políticas públicas baseadas em evidências.

3.2 *Objectivos Específicos*

- **Sistematizar e disseminar conhecimento científico:** Divulgar e discutir os principais resultados de investigação sobre adaptação e resiliência desenvolvidos nos últimos 5 anos, promovendo a troca de experiências entre investigadores, instituições públicas e parceiros de desenvolvimento;
- **Reforçar a articulação entre ciência e políticas públicas:** Contribuir para a identificação de prioridades, orientações estratégicas e recomendações técnicas para o fortalecimento da resiliência climática ao nível distrital, com base em evidências científicas e conhecimentos locais – “*Roteiro de Resiliência*”;
- **Estimular parcerias institucionais e oportunidades de financiamento climático:** Facilitar o diálogo e a cooperação entre instituições académicas, governamentais, organizações da sociedade civil e parceiros internacionais, com vista à identificação de oportunidades de colaboração e de acesso a mecanismos de transferência de tecnologia e financiamento climático, para iniciativas de construção de resiliência a múltiplos riscos ao nível distrital.

- **Reforçar a comunicação e a disseminação do conhecimento científico:** Promover mecanismos e estratégias que tornem os resultados da investigação mais acessíveis e úteis para decisores políticos, profissionais da comunicação, comunidades locais e sociedade em geral;
- **Analisar o papel das tecnologias emergentes na acção climática:** Explorar o potencial dos meios de comunicação, plataformas digitais, inteligência artificial e outras inovações tecnológicas para apoiar a gestão do risco climático, os sistemas de alerta precoce, a tomada de decisão e a mobilização social;
- **Promover estratégias de comunicação e literacia climática:** Identificar abordagens e boas práticas de comunicação ambiental que reforcem a sensibilização pública, a educação para a sustentabilidade e a participação cidadã na construção da resiliência climática.

4. Modelo do Simpósio

O Simpósio incluirá sessões plenárias, mesas-redondas e sessões temáticas.

As sessões plenárias deverão proporcionar uma reflexão mais ampla sobre os desafios da adaptação às mudanças climáticas em Moçambique, integrando as perspectivas das comunidades, da academia, do Governo, de parceiros de desenvolvimento e de outros actores.

As sessões paralelas deverão proporcionar espaços de discussão mais aprofundada sobre áreas técnicas específicas da adaptação climática, privilegiando a apresentação de experiências, resultados de investigação, soluções e lições aprendidas.

5. Eixos Temáticos

1. Adaptação Baseada em Ecossistemas e Soluções Baseadas na Natureza

Discussão sobre o papel dos ecossistemas, da biodiversidade e dos recursos naturais na redução da vulnerabilidade e na construção da resiliência climática.

2. Nexo Água-Energia-Alimentos

Reflexão sobre a adaptação na agricultura, a segurança alimentar e nutricional, a gestão sustentável da água e a construção de sistemas produtivos resilientes aos choques climáticos.

3. Governança Climática, Género, Juventude, e Conhecimento Local

Discussão sobre governança inclusiva, participação comunitária, género, juventude, conhecimentos locais e integração da adaptação nos instrumentos de planeamento e desenvolvimento territorial.

4. Transformação Digital, Inteligência Artificial e Inovação para a Resiliência Climática

Reflexão sobre o potencial da Inteligência Artificial, Big Data, Sistemas de Informação Geográfica, sensoramento remoto, plataformas digitais, sistemas de monitoria e outras tecnologias para apoiar a previsão, planeamento e tomada de decisão.

5. Informação Climática, Comunicação e Gestão do Risco

Discussão sobre sistemas de alerta precoce, comunicação de risco, comunicação científica, jornalismo ambiental, literacia climática, educação ambiental e acesso das comunidades à informação climática.

6. Financiamento Climático e Implementação da Adaptação

Discussão sobre mecanismos de financiamento da adaptação, mobilização de recursos, acesso a fundos climáticos, participação do sector privado e transformação de planos e compromissos climáticos em intervenções concretas.

6. Proposta de Agenda

Horário	Actividade
	DIA 1: Sessões Técnicas: apresentação de experiências de campo e comunicações científicas de investigadores e estudantes
08h00 – 08h30	Registo dos participantes
08h30 – 09h00	Sessão de abertura Magnífico Reitor
09h00 – 09h45	Keynote Address: o papel da investigação e comunicação na adaptação às mudanças climáticas e construção da resiliência
09h45 – 10h30	Mesa Redonda 1: Vozes das Comunidades: experiências, impactos e respostas locais às mudanças climáticas, e perspectivas dos grupos mais vulneráveis (incluindo mulheres e jovens)
	Momento Cultural (ECA)
10h30 – 11h30	Sessões Temáticas Paralelas
11h30 – 12h30	Sessões Temáticas Paralelas
12h30 – 13h30	Almoço
13h30 – 14h30	Mesa Redonda 2: Papel das Universidades e Instituições de Investigação na Adaptação às Mudanças Climáticas
14h30 – 15h30	Mesa Redonda 3: Papel da Comunicação e dos órgãos de comunicação na transmissão de conhecimento e alertas precoces numa era de transformação digital e inteligência artificial
15h45 – 16h15	Sessão Plenária: Apresentação das principais conclusões e recomendações das sessões paralelas e resumo do dia
	DIA 2: Sessões Interação Ciência-Política: Comunicação Estratégica (Policy Briefs e Parcerias Estratégicas) focadas para membros do Governo e Parceiros de Cooperação
08h00 – 08h30	Registo dos participantes
08h30 – 09h00	Contextualização e enquadramento político (pelo Magnífico Reitor)
09h00 – 09h30	Apresentação dos <i>Policy Brief</i> (Resultados da investigação e Recomendações do dia Anterior)
09h30 – 11h30	Mesa Redonda 4: Governação baseada na ciência, cooperação internacional, e transferência de tecnologia (como formalizar parcerias estratégicas entre as instituições de investigação, o governo e os parceiros de cooperação para uma investigação e comunicação efectivas sobre o clima)
11h30 – 12h00	Considerações finais e encerramento
12h00	Lanche/Almoço